

Primeiros apontamentos sobre a influência do complexo de Édipo na escolha de parceiros amorosos

First notations on the influence of the Oedpus complex on the choice of loving partners

Mirian Nascimento Rocha^{†*}, Fernanda Cabral Samico[‡]

Como citar esse artigo. Rocha, MN; Samico, FC. Primeiros apontamentos sobre a influência do complexo de Édipo na escolha de parceiros amorosos. Revista Mosaico - 2019 Jul./Dez.; 10 (2): 73-78

Nota de Editora

Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

Freud com a sua teoria sobre o complexo de Édipo elucida que este período é de fundamental importância na infância, por se referir ao desejo de sedução da criança, e que quando ultrapassado, faz com que o indivíduo comece a formar sua estrutura psíquica para na fase adulta escolher seu objeto de amor. Em sua primeira teoria sobre pulsões, Freud propôs que as mesmas estão apoiadas sobre as pulsões de autoconservação. Dessa maneira, as escolhas anaclíticas de objeto são estabelecidas a partir dos modelos de relação vivenciados nos primeiros momentos de vida. Além disso, quando se direciona para os processos de identificação, Freud passa a reconhecê-los como determinantes na constituição da subjetividade. Partindo desse princípio, o presente artigo tem como objetivo estudar, por meio de revisão de literatura, a influência que o complexo de Édipo tem sobre a escolha amorosa dos indivíduos quando estes atingem a idade adulta. O estudo verifica que o objeto de amor é escolhido a partir do modelo das primeiras relações objetais, em geral as relações com os pais.

Palavras-chave: Freud, Complexo de Édipo, Identificação, Escolha amorosa.

Abstract

Freud with his theory about the Oedipus complex elucidates that this period is of fundamental importance in childhood, since it refers to the desire for seduction of the child, and that when it is overcome, it causes the individual to begin to form his psychic structure in adult phase choose her object of love. In his first theory of drives, Freud proposed that they are based on the drives of self-preservation. In this way, anaclitic object choices are established from the models of relationship experienced in the first moments of life. Moreover, when it is directed towards the processes of identification, Freud begins to recognize them as determinants in the constitution of subjectivity. Based on this principle, this article aims to study, through literature review, the influence that the Oedipus complex, within the Freudian theory, has on the loving choice of individuals when they reach adulthood. The study verifies that the object of love is chosen from the model of the first object relations, in general the relations with the parents.

Keywords: Freud, Oedipus complex, identification and loving choice.

Introdução

No convívio cotidiano, conhecemos pessoas e podemos nos relacionar, criar laços ou não. A partir de laços recíprocos, as pessoas compartilham nos seus relacionamentos uma intimidade, fortalecendo assim as relações. Esse processo acontece, na maior parte das vezes, através de uma atração física e/ou ideológica, em que se busca compartilhar com o outro experiências, trocas, afetos, entre uma série de outras coisas. Quando perguntamos o que determina a escolha de um parceiro amoroso, é normal ouvirmos que são as crenças, ou as características externas, as qualidades, os interesses em comum, dentre outros elementos, que atraem as pessoas umas para as outras. Mas sabemos que existem outras instâncias, não tão acessíveis à consciência, que fazem

parte da escolha do objeto amoroso.

O motivo para a escolha do tema perpassa justamente pela importância de se considerar os atravessamentos inconscientes que permeiam as relações e as escolhas de parceria amorosa. Justificamos tal escolha porque acreditamos ser muito importante para o fazer clínico, poder situar e discutir as definições da teoria psicanalítica de Freud no que se refere à escolha do objeto amoroso. Assim, poderemos compreender melhor a articulação sujeito/objeto a partir da obra freudiana, uma vez que a concepção de objeto na teoria é decisiva quando se pretende conceituar o sujeito. Neste contexto, o objetivo do presente trabalho é estudar, através de uma revisão bibliográfica das obras de Freud e outros autores da Psicanálise, o que rege o nosso estar apaixonado e a influência do Complexo de Édipo nas escolhas afetivas dos indivíduos quando estes atingem

Afiliação dos autores:

[†] Graduanda em Psicologia, Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

[‡] Doutora, Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

* Email de correspondência: mirian_nr@hotmail.com

Recebido em: 14/05/18. Aceito em: 01/08/18.

a idade adulta. Para tanto, investigamos a respeito do amor na teoria freudiana e, a partir daí, pudemos definir o complexo de Édipo e o processo de identificação como cruciais nas escolhas amorosas.

O amor na teoria freudiana

Contrariando todas as probabilidades, que nos ajudam a apostar que podemos escolher por quem nos apaixonamos, sabemos, com a psicanálise, que a escolha de objeto não é feita de forma racional, mas sim inconsciente. Baseando-nos na doutrina psicanalítica, podemos afirmar que a preferência por um certo modelo de pessoa é adotada a partir do protótipo das primeiras relações objetivas, em geral as relações com os pais. Mas, para sustentarmos essa argumentação, cabe um percurso teórico.

Em 1910, no texto *Contribuições à psicologia do amor I: Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (1910/1996), antes mesmo da teorização final acerca do complexo de Édipo, Freud já considera que a escolha do objeto amado pelo homem nada mais é que uma representação do amor e cuidado recebidos na infância. Para o autor existem algumas características tidas como fundamentais para a escolha do objeto a ser amado. Em uma delas, o homem desejará, como objeto de seu amor, uma mulher cobiçada por outros, remontando aí seu complexo de Édipo, onde a mulher cobiçada e desejada por outro é a própria mãe, sendo reivindicada por direito sobre ela seu rival, ou seja, seu pai. Nesta perspectiva, Freud pontua que dentro do modelo de amor, certas características da mãe permanecem na escolha do objeto a ser amado, uma vez que o homem irá manifestar essa preferência mais tarde. Para o pai da psicanálise esse fato é facilmente constatável quando um rapaz se apaixona por uma mulher mais velha, demonstrando que sua libido esteve ligada à mãe por tanto tempo, mesmo no início da puberdade. Dessa maneira “as características maternas permanecem impressas nos objetos amorosos que são escolhidos mais tarde, e todas elas se transformam em substitutos facilmente reconhecíveis da mãe”. (FREUD, 1910/1996, p.174)

Freud se preocupou bastante com o papel do amor na concepção do sujeito e na etiologia da neurose, destacando que “muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar”. (FREUD, 1907/1996, p. 125). Tal pensamento leva a crer que o autor não pensava no fenômeno amoroso apenas como parte integrante da vida adulta, mas sim, implicado na constituição do próprio desenvolvimento da sexualidade. Assim, dentro dos preceitos da psicanálise, Freud fez uma articulação em suas considerações teóricas entre o amor e a sexualidade, constituindo aí muitas teorias cruciais para

o entendimento da aposta amorosa.

No princípio de sua teoria, notadamente em sua importantíssima obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1996), Freud faz uma descrição a respeito da vida sexual na infância, evidenciando a passagem do autoerotismo ao alioerotismo. Defendia que as manifestações da sexualidade infantil não eram admitidas por uma “instrução” dos caminhos pulsionais. Sustentava, com isso, a importância de escutar a sexualidade infantil no discurso de seus pacientes adultos. Concebeu, por meio da escuta clínica, a ideia de que a sexualidade da criança é perverso-polimorfa, ou seja, a criança é, antes de tudo, um corpo ineducável, pois antes de aprender a respeito das normas de convívio e os costumes sociais, passa por uma forma polimorfa de obtenção de prazer, sem optar por nenhuma área erógena privilegiada. Dessa maneira, a sexualidade infantil, pulsional, era fruto da influência dos cuidados tidos com a criança por parte de seus responsáveis, pois esses cuidados despertavam na criança excitações de natureza sexual. Nas palavras do autor:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas de zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo (FREUD, 1905/1996, p.210-211).

É importante ressaltar que tal fato não define uma relação de sedução ativa do adulto, simplesmente aponta um ponto de relação entre o cuidador e a criança, evidenciando que os cuidados erogenizam e ordenam o corpo infantil, pulsionalmente falando. Essa erogenização acontece inconscientemente, despertando na criança estímulos diferentes das excitações genitais dos adultos, pois, como dito anteriormente, não foram definidas ainda suas áreas erógenas privilegiadas.

Vemos que, nos primeiros anos de vida, uma certa relação entre o bebê e sua mãe se estabelece e esta será o protótipo para as relações objetivas subsequentes. Como resposta disso o corpo da criança se erotiza. Já no período de latência, a atividade sexual se interrompe, e, posteriormente, na puberdade, as pulsões parciais começam a se subordinar também à finalidade da reprodução, período esse em que os adolescentes passam a renunciar seus primeiros objetos de amor, seus pais, vinculando-se a outros tipos de relação fora do ambiente familiar. Freud enuncia:

Durante esse período de latência total ou apenas parcial, erigem-se as forças anímicas, que mais tarde surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques – o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais (FREUD, 1905/1996, p.167).

No que concerne à libido, Freud considerava que “possuímos, segundo parece, certa dose de capacidade para o amor – que denominamos de libido – que nas etapas iniciais do desenvolvimento é dirigido no sentido de nosso próprio ego” (FREUD, 1916/1996, p.318). Ou seja, para Freud a libido não é sinônimo de amor, no entanto, ambos os termos possuem uma relação íntima, pois a libido seria considerada como um tipo de aptidão para o amor, por ser o promotor das catexias nos objetos amorosos. Freud (1915/1996) discorre ainda que:

O amor deriva da capacidade do eu de satisfazer auto eroticamente alguns de seus impulsos pela obtenção do prazer do órgão. É originalmente narcisista, passando então para objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses como fonte de prazer (FREUD, 1915/1996, p.143).

A escolha objetal que o bebê realiza é da mãe enquanto objeto introjetado, movimento que será o protótipo do investimento no próprio ego como domínio psíquico, que pode ser tomado como objeto, como nos casos da modalidade narcísica de amor. Entretanto, as escolhas narcísicas de objeto, mesmo sendo exercidas a partir de modelos estabelecidos da relação do sujeito consigo mesmo, são também caracterizadas por escolhas de outros objetos, introjetados, que representam de alguma maneira o próprio sujeito ou algum de seus aspectos. Esse é uma das facetas do mecanismo de identificação. Freud (1905/1996) define a identificação como a mais antiga forma de laço afetivo com o outro, que ocorre, em sua primeira dimensão, de forma canibalística e incorporativa. A incorporação do seio é considerada como o primeiro movimento identificatório do bebê e está densamente integrada à incorporação do seio, objeto da libido na fase oral. Na concepção de Samico (2018)

Esse papel psíquico é a formação de uma estratégia que estabelecerá, a partir desse primeiro movimento de identificação, todo o movimento subsequente de associação identificatória possível para o sujeito, tanto em suas construções de identidade quanto em seus investimentos libidinais (SAMICO, 2018, p.81).

A autora ainda sugere que a identificação faz parte do processo de formação do caráter do eu. “Na aurora do sujeito, a identificação é o mecanismo de escolha para lidar com os investimentos objetais” (SAMICO, 2018, p.81).

Na teoria freudiana uma pessoa pode se identificar com o outro de dois modos: o primeiro é através da vontade consciente, quando admira alguém, veste-se como ele, fala como ele, ou seja, adota para si traços de outra pessoa. O segundo modo de identificação é inconsciente, que ocorre na busca da pessoa elegida a fim de assimilar seus traços e, se possível incorporá-la, mas, sem se ter consciência porque o faz ou porque

escolheu certa pessoa para amar, adorar ou odiar (FREUD, 1921).

Mas qual é a relação entre a identificação e a escolha amorosa?

Complexo de Édipo e processo de identificação

Foi através do artigo, aqui já comentado, “*Um tipo especial da Escolha de Objeto feita pelos Homens*” (FREUD, 1910/1996) que a expressão complexo de Édipo figurou pela primeira vez nos escritos de Freud. Trata-se de um conceito fundamental da psicanálise, consistindo numa trama de relações ocorridas na infância do indivíduo, responsável pela organização de sua subjetividade desejante. Desde o início da psicanálise, Freud já assinalava a importância dos desejos edípicos, afirmando que as crianças deveriam construir seu próprio caminho para a superação do complexo de Édipo, para poderem vivenciar a sexualidade adulta (COSTA, 2010).

Em seu dicionário, Laplanche e Pontalis (2014) conceituam o complexo de Édipo como um:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2014, p. 77).

Assim, o complexo de Édipo trata-se de um conflito baseado num conjunto organizado de desejos amorosos e hostis, experimentados pela criança em relação aos seus pais. Freud (1910/1996) o define como o desejo inconsciente de manter uma relação (incestuosa) com o progenitor do sexo oposto. Em *Organização genital infantil* (1924/1996), aprendemos que a criança começa a se interessar por seus órgãos genitais, sendo logo repreendida por este fato. Ao manipular seu órgão genital a criança sente um grande prazer, mas ao ser repreendida, passa a internalizar essa repressão (ameaça), entendendo que ao continuar com tal atitude, poderá perder seu órgão sexual (FREUD, 1924/1996).

De acordo com Rappaport, Fiori e Herzberg (2004) por volta dos 4 a 5 anos, como efeito da diferença anatômica entre os sexos, a libido está ligada

aos genitais, começando o processo do complexo de Édipo. Neste momento, especificamente para o menino, o mesmo começa a considerar o pai como um rival, possuidor da mulher dos seus desejos, a mãe, por esse motivo tenta assemelhar-se a ele, buscando assim, conquistar o amor dela. O Édipo invertido, é definido por Freud, em sua obra *História de uma neurose infantil* (1918/1996) como uma escolha narcisista e homossexual de objeto prevalecendo o amor com o progenitor do mesmo sexo e a rivalidade com o do sexo oposto. No entanto, anteriormente ao caso de 1918, o autor, no seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996) pontua que:

[...] [algumas pessoas] em sua escolha ulterior dos objetos amorosos adotaram como modelo não sua mãe, mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetual que deve ser denominado “narcisista” [...] Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – **ele próprio e a mulher que cuida dele** – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetual. (FREUD, 1914/1996, pp. 94-95, negrito nosso)

Também existe o movimento antitético entre libido do Eu e libido do objeto. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. O exemplo de uma pessoa apaixonada é indicado para o entendimento do esvaziamento da libido do Eu em favor da libido objetual. Freud escreve sobre o enamoramento alguns anos depois em seu trabalho *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921). Nele aplica o entendimento do investimento libidinal narcísico na análise do enamoramento e do mecanismo da hipnose. Em ambos há uma supervalorização do outro e não do ego, a ponto de haver um movimento de investimento de libido do ego no objeto, destituindo o ego de sua catexia. Nas palavras de Freud:

Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto. [...] o ego se torna cada vez mais desprezioso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o auto-amor do ego [...]. O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. (FREUD, 1923/1996, v. XVIII, p. 122-123)

Todo o movimento feito por aquele que ama está, em última análise, em colocar o objeto amado no lugar do ideal do ego. Diferentemente da identificação, na qual o ego se molda conforme o objeto de amor e o introjeta porque o mesmo foi perdido, o enamoramento indica um movimento do ego para uma hiperatexia do objeto, sem que este tenha sido abandonado, ou perdido.

Observa-se assim, que a introdução dos conceitos de narcisismo feita por Freud em 1914 possibilita novas

observações relacionadas ao complexo de Édipo, onde se estabelece a importância do narcisismo como um dos elementos centrais e estruturadores da sexualidade humana.

No que diz respeito ao processo de identificação, o menino se identifica primeiramente com a mãe, a partir do seio introjetado na fase oral, mudando com o passar do tempo para o pai. A partir da identificação com pai, começa a se proteger dos seus desejos incestuosos em relação à mãe, assim como dos pensamentos hostis que carrega em relação a seu rival, o pai (FREUD, 1940/1996). Ao perceber a ameaça de castração, atualizada pelo reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, o menino precisa escolher um caminho para dirigir seu investimento libidinal, que poderá ser o de sua mãe como objeto de amor (mantendo a rivalidade com o pai) ou o sua integridade física, protegendo-se da castração de seu pênis, agora notado de potência fálica. Quando passa a vivenciar tal conflito, começa a fazer identificações, buscando sua sobrevivência, uma vez que observa que o seu pai é maior que ele, por esse motivo, não poderá conquistar o amor de sua mãe, abandonando nessa fase a energia que empregaria a ela. Além disso, passa a introjetar a autoridade do pai, formando seu superego (FREUD, 1924/1996).

Na concepção freudiana quando o menino idealiza e se identifica com seu pai, está se preparando para o advento do complexo de Édipo. Neste momento, o menino passa a querer ter um pênis igual ao do pai, para substituí-lo e poder sustentar a sedução da mãe. (FREUD, 1921/1996). Para os meninos o complexo de Édipo é solucionado quando estes optam por preservar imaginariamente o pênis, apostando no próprio investimento narcísico, substituindo o investimento objetual no pai, por uma identificação com ele (COSTA, 2010).

A menina passa por um processo semelhante ao do menino. Assim, começa a manipular seu órgão sexual e faz investidas sexuais para o pai. No entanto, no momento em que percebe que não possui um pênis como o menino, passa a se considerar numa posição diferente, compreendendo que não terá um pênis igual ao do menino, trazendo como consequência um certo desapontamento. Essa constatação de não ter um falo como o menino irá marcar o início do complexo de Édipo para a menina (FREUD, 1940/1996). A descoberta da castração (falta do pênis) pode trazer muitas consequências para sua vida, uma vez que é a partir dela que são estabelecidos os caminhos que a levarão ao desenvolvimento de sua feminilidade, assim como o início do processo de desvinculação do objeto materno. (COSTA, 2010)

Freud (1924/1996) pondera que, frente a castração, a defesa psicológica de ambos os sexos oferece resoluções transitórias do conflito entre as motivações do id e as motivações do ego. A primeira estrutura de

defesa é a identificação, onde a criança incorpora ao seu superego, as características do genitor do mesmo sexo. Assim, ao se adaptar o menino passa a ter diminuída sua ameaça de castração, uma vez que sua semelhança com o pai o protege da ira na sua rivalidade materna. Já a menina, ao se adaptar, facilita a identificação com a mãe, entendendo, que por pertencerem ao sexo feminino, não possuem pênis, e, portanto, não são antagonistas.

Nas palavras de Freud:

Nas meninas, o complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações do complexo de castração o precedem e preparam. [...] enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. (FREUD, 1924/1996, p.285).

No entanto, conforme Freud (1921/1996) explica a criança ao se identificar com os pais, não se identifica completamente com o outro, mas somente com alguns traços deste, ou seja, trata-se de uma identificação parcial. A identificação atua no inconsciente da pessoa sem que a mesma perceba que está acontecendo quando se identifica com outro, o que demonstra a força de tal mecanismo, pois, faz ligações na vida do indivíduo mesmo que este não esteja consciente dos fatos (FREUD, 1921/1996).

Cabe ressaltar que Freud (1921/1996) pontua que os primeiros objetos sexuais da criança são aqueles que as alimentam e as cuidam, ou seja, aqueles que ocupam a função materna. O autor conceitua esse tipo de relação como anaclítica ou de ligação, ocorrendo no primeiro momento em que a criança investe sua energia libidinal no objeto e não no ego. É preciso lembrar que a energia da libido libera-se para o amor maternal na infância, criando um elo entre a mãe e bebê. Esta energia fará parte da busca pelo parceiro da vida adulta, buscando-se vivenciar o amor e cuidado da infância. (FREUD, 1910/1996)

Existem processos diferenciados em relação ao homem e à mulher no que se refere ao processo de escolha do objeto? Freud (1914/1996) avalia que o amor objetual é próprio do sexo masculino, uma vez que a libido é masculina e ativa. O primeiro objeto de amor será a mãe.

Para Freud (1940/1996) existem duas maneiras para se fazer a escolha do objeto amoroso: a narcísica e a anaclítica. Esse desenvolvimento teórico está presente no já citado texto sobre o narcisismo, de 1914, no momento em que Freud discorre sobre a terceira via de acesso ao estudo do narcisismo está na vida amorosa dos seres humanos. Existem dois tipos de escolha de objeto: aquela que é feita apoiada nas primeiras satisfações sexuais autoeróticas, vividas atreladas às funções vitais de autoconservação, que elegem as pessoas envolvidas com o cuidado da criança como objetos e é chamada de escolha por veiculação sustentada [*Anlehnungs*]; e

aquela cujo objeto de amor não é pautado no cuidador da criança, mas na sua própria pessoa, ou seja, procura a si mesma como objeto de amor; esse tipo de escolha é chamado narcísico.

Ambas as escolhas de objeto estão franqueadas a todos os seres humanos, sendo que um ou outro caminho será privilegiado. Há, portanto, um narcisismo primário em cada ser humano, que pode manifestar-se, ou não, de maneira dominante em sua escolha de objeto.

A primeira refere-se à própria pessoa que ama, buscando nos objetos amorosos semelhanças ou características que gostaria de possuir. A segunda, como visto anteriormente, diz respeito às figuras parentais, evidenciando a tendência de amor aos objetos como se foi amado pelas pessoas na infância.

Desse modo, a escolha de objeto narcísica adota como modelo a relação do indivíduo consigo mesmo, envolvendo a própria imagem. O sujeito ama a si próprio e busca a si mesmo no objeto amoroso. Já a escolha anaclítica encontra referências nos cuidados maternos e paternos. Para Freud (1914/1996) os dois tipos de escolha de objeto são acessíveis a todos os sujeitos, no entanto, pode ocorrer a prevalência de uma.

As escolhas do objeto amoroso terão como base a existência do narcisismo primário, no qual Freud faz uma comparação entre sexo masculino e feminino estabelecendo uma série de diferenças fundamentais entre os mesmos. Neste contexto, o amor objetual anaclítico é característico do sexo masculino, demonstrando grande valorização sexual, originária do narcisismo primário, tratando-se de uma transferência do narcisismo para o objeto sexual. Será por meio da supervalorização sexual que o indivíduo irá se apaixonar, nesse momento, ocorre um enfraquecimento do eu em favor do objeto amoroso (FREUD, 1914/1996).

Já com o feminino a escolha objetual é narcísica. No período da puberdade as mulheres sofrem uma intensificação do narcisismo primário, provocando a dificuldade na escolha do objeto. Passam a amar a si próprias com grande intensidade, evidenciando que suas necessidades não estão direcionadas para o amar e, sim, para serem amadas (FREUD, 1914/1996). Nas mulheres, durante o período da puberdade, o desenvolvimento dos órgãos genitais promove e intensifica o narcisismo, ocasionando um superinvestimento de energia libidinal, o que pode tornar-se prejudicial para o desenvolvimento normal e uma escolha de objeto sadia na vida adulta da menina, pois o narcisismo exagerado pode fazer com que escolham parceiros simplesmente focando no amor que estes lhes dedicarão. (FREUD, 1914/1996).

Ainda se referindo às mulheres Freud estabelece duas condições determinantes da escolha: o objeto deverá substituir o pai e o homem deve redundar num filho, ou seja, seu homem é o pai de seu filho (FREUD, 1914/1996).

Diante das perspectivas apresentadas acima,

observa-se que é absolutamente normal e inevitável, que as crianças façam da representação inconsciente que constroem sobre seus pais o objeto da primeira escolha amorosa. No entanto, a libido não irá permanecer fixa nesse primeiro objeto e posteriormente o tomará apenas como modelo, ou seja, passará dele para outros indivíduos, quando for o momento da escolha definitiva (FREUD, 1940/1996).

Considerações Finais

No presente estudo buscou-se esclarecer algumas questões referentes a relacionamentos, focando-se no que acontece durante o processo de escolha do parceiro amoroso, e o que motiva os indivíduos a buscarem determinado tipo de parceiro.

Para entender essa questão, partiu-se da hipótese adotada por Freud de que todas as pessoas são movidas por uma força interna e que também, por influência dos seus cuidadores, acabam escolhendo parceiros semelhantes ou opostos aos mesmos. Pois, na concepção do autor a escolha de objeto baseia-se sempre no modelo que é constitutivo do sujeito (narcisista) e externo (anaclítico), que apresentam diferentes e ricas possibilidades de combinação.

Dentro desta perspectiva, pode-se compreender que a escolha conjugal está correlacionada às fixações infantis, ou seja, pelas marcas inconscientes deixadas no relacionamento com os pais. No que se pôde compreender a respeito da concepção de Freud, o encontro com o objeto amoroso é quase sempre um reencontro, onde se tenta a restituição e montagem de experiências vivenciadas com os cuidadores, ou seja, o objeto do amor é escolhido a partir do modelo das primeiras relações objetais, geralmente as relações com os pais.

O tema proposto para o seguinte artigo apresentou algumas dificuldades, uma vez que não foram encontradas obras que versassem sobre o mesmo, além disso, as teorias de Freud no qual está embasado são muito complexas e abrangentes. Assim, acredita-se que novos estudos devam ser desenvolvidos no sentido de se poder compreender cada vez mais essa temática, tão intensa e interessante.

Notas

1. Ou qualquer pessoa que ocupe essa função na experiência de cuidado com o bebê.

Referências

COSTA, Teresinha. Complexo de Édipo. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.7.

_____. O esclarecimento sexual das crianças. (1907). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Contribuições à Psicologia do amor. (1910). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. (1914). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

_____. As pulsões e seus destinos. (1915). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 15.

_____. Sobre a transitoriedade. (1916). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. História de uma neurose infantil (1918). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 16.

_____. Psicologia de grupo e a análise do ego. (1921). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18.

_____. O ego e o Id. (1923). (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.

_____. A dissolução do complexo de Édipo. (1924). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 20.

_____. O esboço da psicanálise. (1940). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean B. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2014, 552 p.

RAPPAPORT, Clara R.; FIORI, Wagner da R.; HERZBERG, Eliana Davis Cláudia E. Psicologia do Desenvolvimento – Teorias do Desenvolvimento – Conceitos Fundamentais. São Paulo: EPU, 2004, 108 p.

SAMICO, Fernanda Cabral. A supervisão psicanalítica na universidade e a instituição polícia militar: relato de uma experiência. Pós-Graduação em Psicanálise. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2018.